



*Por uma cultura de paz*

## **108. RedeUnaViva: Meditação Cristã 108 – paragem 114 – 09.10.2016**

JOÃO 7:1; MARCOS 7:1-16; MATEUS 15:1-11

### **A PURIFICAÇÃO NA HORA DA NUTRIÇÃO**

#### **108.1 Auto-indagação reflexiva e expansiva:**

1. Como o cumprimento da lei pelo Cristo se explica através deste diálogo?
2. Como entender o preceito estabelecido pelo Cristo: “não é o que entra pela boca que contamina o ser humano, mas o que sai dela”?

#### **Ao recolher-me, na hora da meditação, afinando a sintonia com o Mestre:**

3. O que eu devo fazer entrar e sair de mim, durante a meditação?

#### **108.2 Introdução: A Saúde Espiritual.**

Abrindo o capítulo sete, João apresenta Jesus de volta ao seu preferido sítio de pregação, seu torrão natal, a Galileia. Volta ao terreno familiar de Cafarnaum, mas não se livra das perseguições aguerridas, cujo primeiro movimento se consubstanciou ali mesmo, na sinagoga desta cidade, quando curara o homem da mão ressequida, no *sétimo dia*.

Dentro de uma classificação, em parte didática e noutra cronológica, estamos no início do segundo ano do ministério do Cristo. Tanto João como Mateus e Marcos iniciam novos capítulos sobre a trajetória deste herói divino incomparável. Marcos começa seu capítulo sete, e Mateus, o décimo-quinto.

Se estes dois evangelistas, e ainda Lucas, passam a cuidar do acontecido após o retorno de Jesus à Galileia, João salta da Páscoa à Festa dos Tabernáculos, conforme atesta a sequência do seu capítulo sete, consumindo seis meses. De imediato, João volta à Jerusalém, já no meio do segundo ano do seu ministério. Lá, no hemisfério norte, a Páscoa é na primavera, no mês de abril, e a festa do Tabernáculo, no outono, em outubro. Para nós, do Sul, embora as festas sejam nos mesmos meses, as estações se invertem.

Marcos e Mateus vão nos contar como a perseguição ao Cristo prosseguiu de contínuo, de Judá à Galileia. Se em Jerusalém, a censura centrou forças no trabalho proibido em dia de sábado, mesmo que fosse para beneficiar uma pessoa enferma, em Cafarnaum, a crítica cerrará combate num costume muito praticado pelos fiéis, imposto pelos mais velhos, e não observado por Jesus e seus discípulos. Tratava-se do ato de se purificar, lavando as mãos e os braços, antes das refeições. De novo, um



*Por uma cultura de paz*

acordo social, ressaltado por Jesus como ação convencionada, sem ter, obrigatoriamente, correspondência com a verdadeira espiritualidade. Um costume, um ritual de cunho religioso, e nada mais. Não cabia ser respeitado por mentes dilatadas. Os judeus combatem o seu desprezo e o Mestre contraataca, oferecendo também a nós argumentos esclarecedores que importam à distinção da espiritualidade genuína. É o que nos ensinará, através de descrição mais detalhada, os dezesseis versículos de Marcos, e repetida nos onze de Mateus.

### 108.3 Evangelho-parte 1: Jesus retorna à Galileia acompanhado de fariseus e escribas. (Jo, Mc, Mt)

Jo 7:1 Depois disso, Jesus andava pela **Galileia**, porque **não queria andar pela Judéia**, pois **os judeus** procuravam **matá-lo**.

Mc 7:1 Reuniram-se com ele **os fariseus** e alguns **escribas** vindos de **Jerusalém**.

Mt 15:1 Vieram, então, **de Jerusalém** a Jesus, **escribas e fariseus**, dizendo:

1. Já que os judeus tramavam sua morte, Jesus retorna à Galileia para evitar confrontos cruentos.
2. Visando vigiá-lo e atacá-lo, fariseus e escribas vão ao seu encalço.

### 108.4 Evangelho-parte 2: Jesus é questionado por transgredir a tradição. (Mc, Mt)

Mc 7:2. E, tendo visto que **alguns discípulos** dele **comiam pão com mãos contaminadas**, isto é, **sem lavá-las**,

3. – pois **os fariseus e todos os judeus**, observando **a tradição dos mais velhos**, não comem sem **lavar as mãos até o punho**,

4. e quando voltam **da rua não comem sem banhar-se**; e **muitas outras coisas** há que receberam e observam, **lavando copos, jarros e vasos de metal** –

5. **perguntaram-lhe** os fariseus e os escribas: "Por que não caminham **teus discípulos segundo a tradição dos mais velhos**, mas **comem com mãos contaminadas**"?

Mt: 15.2. "Por que **transgridem teus discípulos a tradição dos mais velhos**? Pois **não lavam as mãos quando comem pão**".

3. Entre tantos preceitos da tradição dos anciãos, constava o costume de lavar as mãos até o punho, antes das refeições.
4. Os zelosos desta tradição questionam Jesus porque a transgredia seus discípulos.



*Por uma cultura de paz*

**108.5 Evangelho-parte 3: Replica mostrando que a transgressão é deles.**  
(Mt, Mc)

Mt15:7. Hipócritas! Bem profetizou de vós **Isaías**, dizendo:

8. 'Este povo **honra-me com os lábios**, mas **seu coração está muito longe de mim**;

9. em vão, porém, **me veneram, ensinando doutrinas que são preceitos de homens**".

3. Respondendo, disse-lhes Jesus: "**Por que vós também transgredis o mandamento de Deus com vossa tradição?**

4. Pois **Deus ordenou**, dizendo: "**Honra teu pai e tua mãe**", e também: "**Quem falar mal do pai ou da mãe seja ferido de morte**", mas vós dizeis:

5. 'Se alguém disser a seu pai ou a sua mãe: "**Oferta, o que de mim serias ajudado**",

6. esse nunca mais honre seu pai nem sua mãe. **Assim invalidais a ordem de Deus com vossa tradição**.

Mc 7:6. Respondeu ele: "Bem profetizou Isaías a vosso respeito, **hipócritas**, como está escrito: 'Este povo honra-me com os lábios, mas seu coração está muito longe de mim;

7. em vão, porém, me veneram, ensinando doutrinas que são preceitos de homens'.

8. **Deixando o mandamento de Deus, observais a tradição dos homens**".

9. E disse-lhes: "Anulais muito bem o mandamento de Deus, para manter a vossa tradição,

10. **pois Moisés disse**: 'Honra teu pai e tua mãe', e: 'Quem maldisser a seu pai ou a sua mãe, seja morto';

11. mas vós dizeis: 'Se um homem disser a seu pai ou a sua mãe: "Oferta o que de mim serias ajudado",

12. não lhe permitis fazer mais nada pelo pai ou pela mãe,

13. invalidando o ensino de Deus pela tradição que vós mesmos transmitistes; e fazeis muitas outras coisas semelhantes".



*Por uma cultura de paz*

5. Ele fundamenta sua réplica no profeta Isaías: ‘este povo honra-me com os lábios, mas seu coração está muito longe de mim.
6. Em vão, porém, me veneram, ensinando doutrinas que são preceitos de homens’
7. “Quereis saber como”? – avança o Mestre. “Pois, tergiversai-vos quando sustentais o *‘oferta, o que de mim serias ajudado’*, como justificativa para não respeitar a lei de Deus que manda *honrar pai e mãe*”.
8. Invalidais a ordem de Deus com vossos costumes. E outras transgressões similares, também cometeis.

#### 108.6 Evangelho-parte 4: E profere o novo princípio cristão. (Mt, Mc)

Mt15:10 E tendo chamado a multidão, disse-lhe: "Ouvi e entendei:

**11 não é o que entra pela boca que contamina o homem, mas o que sai da boca, isso contamina o homem”.**

Mc 7:14. E tendo chamado todo o povo, disse-lhe: "Ouvi-me todos e entendei:

**15. nada há fora do homem que, entrando nele, possa contaminá-lo, mas as coisas procedentes dele, essas são que contaminam o homem.**

**16. Se alguém tem ouvidos de ouvir, ouça”.**

9. Com autoridade conclui, dirigindo-se ao povo para grafar nos corações um novo princípio do Reino.
10. “Ouvi com os ouvidos de ouvir e entendei: não é o que entra pela boca que contamina o homem, mas o que sai da boca, isso contamina o homem”.

#### 108.1. Auto-indagação reflexiva e expansiva:

##### 1. Como o cumprimento da lei pelo Cristo se explica através deste diálogo?

Embora encontra-se nos Livros Números e Deuteronômio uma série de regras de procedimento associando o comportamento social à fidelidade a Deus, o ritual de ablução foi introdução tardia na tradição judaica, vindo depois integrar-se ao Talmud. As ordenações orais (hálaga), como parte da Tradição dos Velhos, chegou a constar na época como superior à própria lei moisaica. Sua transgressão merecia o castigo da morte. O termo contaminado tinha para eles a conotação de vulgar, comum, e os religiosos diferenciados, deveriam guardar princípios e rituais que os distinguissem dos demais. Mas a pregação do Cristo, na Casa de Israel, visando a mudança, incluía



*Por uma cultura de paz*

distinguir aquilo que é de Deus daquilo que era de homem. Não deixa dúvida que sua escolha é pelo divino, usando para tal toda oportunidade. Jejum, dia de sábado e ritual de purificação são algumas das indicações não observadas por seu grupo. Caducara-se até mesmo tantas das normas sociais instituídas por Moisés, decorrentes da sua função de legislador humano. Como leis e instituições humanas se modificam com o tempo, em decorrência de um natural amadurecimento popular, das leis moisaicas deveria se preservar apenas o divino, como o próprio Cristo salientará neste embate. Honrar pai e mãe, sim; gastar uma hora para, antes das refeições dar demonstração de pertencer a uma casta privilegiada, não. A lei cristã opera para a vigência da igualdade. Se ele não podia concomitante cuidar da Casa de Israel e dos gentios, plantava-se a semente. Não obstante esta limitação e escolha, peregrinou por aldeias alheias ao judaísmo, como Samaria e Gerasa. Paulo, como apóstolo dos gentios, se incumbiria da universalização do cristianismo.

Havia, de novo, um rigor insustentável, desmontável por lógica simples. A cobrança imprópria dos religiosos ortodoxos estava, mais uma vez, prestes a ruir-se. Isto é próprio da história humana. Os seguidores se encantam com o discurso do seu líder, que funciona como baluarte de renovação necessária. O líder, com seu discurso claro e oportuno, descortina novos horizontes. Seus adeptos começam bem, mas logo a acomodação e o comodismo levam-nos a abrir mão dos princípios caros assumidos, adaptando-os à sua estreiteza porque cumpri-los exigiria desmedido *sacro-ofício*. Defendem tais preceitos, embora seus atos os neguem. A boca fala, mas o coração contradiz e a atitude derroga. Não era um fenômeno daquele tempo. Aconteceu antes no judaísmo e continuaria depois, com o cristianismo. Prevalece ainda hoje e será reconhecido no futuro. É fenômeno humano e social. Esses líderes – Moisés, Isaías, Jesus – vieram no afã de despertar o divino que adormeceu. Tocam a campainha para que acordemos, vibram o alarme para que nos acautelemos e disparam a buzina quando a beira do precipício se escancara, mas nós... dormimos, entretemo-nos e caímos. Uma, duas, dúzias.

Por isto, o Cristo repete Isaías, como a dizer: “este rigor incoerente já aconteceu antes”. O profeta destacara: “não adianta me venerarem com os lábios e me desdizerem no coração. Defenderem a doutrina de Deus, mas praticarem os preceitos de homens”. Ainda em Jerusalém, no Templo, o Cristo afiançara: “não adianta virem para me enquadrar nestes preceitos antigos e inconsequentes. Eu vim para prescreve-los. Trago nova doutrina, como porta-voz do Pai para os tempos atuais. Ouçam-me os que têm ouvidos de ouvir”.

Depois de repetir o profeta, já que a tradição para eles é sagrada, considerando que as palavras de Isaías pudessem despertá-los do sono fanático, colocou o dedo na ferida. Isto o fez, porque um Mestre de clarividência máxima tem a autoridade para assumir didática radical. “Querem defender a tradição judaica, mas criaram uma doutrina (de homens) que contraria o quinto mandamento” – por curiosidade, aquele que Jesus não comentara no Sermão do Monte. Honrar pai e mãe é negado com este desvio casuísta que convencionaram. A lei de Deus cobranos desvelo amoroso para com aqueles que não apenas ofereceram seus corpos e



*Por uma cultura de paz*

cuidados básicos à infância frágil. Deram mais. Neste cadinho doméstico, movidos por proteção quase instintiva nos preparou para a existência, formando nossa personalidade a partir de um relacionamento especial. Assim, nós nos tornamos seres humanos. Sem este cuidado relacional, seríamos quase bichos. Nossa fragilidade, por um lado, e o instinto parental por outro, estruturam nossa personalidade – sem negar, é claro, a matriz arquetípica, tanto filogenética quanto anímica, próprio da alma eterna. Quando temos filhos, repetimos o mesmo desvelo com nossos rebentos, próprio do automatismo que funciona em nós. É certo que a consciência vai despertando e nos imantando à essência dos filhos com laços indestrutíveis de amor (apenas quando a doença psíquica é grave que eles não prevalecem). Mas a prova cabal desta aprendizagem, que clama consolidação dos vínculos afetivos, acontece quando a prontidão deste cuidado desvia seu apontamento de “baixo” para “cima”. Em duplo sentido: precisamos não mais cuidar dos filhos, mas dos pais. Precisamos sair da verticalidade humana que nos faz rasteiros e densos para a verticalidade divina que nos impulsiona para a amplidão e leveza.

Guardemos que o Cristo não apenas deixou de abordar esta lei moisaica e divina no seu sermão principal, como também parece tê-la negado, pois quando concitado pela família, perguntou, “quem é minha mãe, quem são meus irmãos”? E ainda, quando o barco zarpava de Cafarnaum para Gerasa, ao mancebo que queria cuidar do pai moribundo, asseverou “deixa que os mortos enterrem seus mortos”. Parecia faltar com a generosidade filial. Como, então, conciliar com a crítica aos fariseus? Os que avançam, de fato, no caminho espiritual, mas não convencionalmente, não nas aparências, deverão fazer a discriminação entre “honrar pai e mãe” de “honrar o Pai”, porque o primeiro mandamento é “Amar a Deus acima de todas as coisas...” É uma diferenciação não fácil em tantas situações. Até porque, em algumas, amar a Deus é cuidar dos pais. Mas não em todas. Somente aquele que evoluiu nessa senda estreita terá condições de saber a decisão correta. Caso esteja afinado com o Pai escutará o preciso. Jesus condena o descabido: declinar-se diante deste chamado, mais do que humanitário, justo, por motivos egoicos. Os fariseus, com o seu Conselho Patriarcal, conseguiram desviar este princípio divino, dando a opção religiosa de não atender os pais nas suas necessidades. Bastava-lhes usar a locução “*era qorban*”, que designava os objetos que deveriam ser consagrados – devidamente ou não – ao Templo. Quando o filho a pronunciava, podia os pais reivindicar posse deles, mesmo que para dar conta das suas necessidades, que ao filho era dado o direito de negar. Baseava-se na sua declaração de que pertencia ao Templo. Mas muitas vezes funcionava apenas como subterfúgio para se desobrigar do dever filiar.

## **2. Como entender o preceito estabelecido pelo Cristo: “não é o que entra pela boca que contamina o ser humano, mas o que sai dela”?**

Jesus está a lançar um novo princípio que contrasta com aquele reclamado pelos doutores de Jerusalém. Certamente, o Cristo não está a combater os princípios de higiene, necessários à preservação da saúde. Mas usar este simples gesto de se limpar para se projetar como figura notável, diferente do vulgo, era algo com que o Mestre não compactuava. Sua negação causa escândalo; mais um, diante da tradição.



*Por uma cultura de paz*

A lei maior aparece em decorrência do grau de intimidade e de fidelidade do filho com o Pai, do fiel com Deus. Seu grau é máximo com o protagonista principal desta mensagem – “o filho vê tudo que o Pai faz e faz semelhantemente. O Pai ama o filho e lhe manifesta tudo o que faz”(Jo 5:19-20). Quando esta intimidade é tamanha, a higidez orgânica é tal que a doença não lhe atinge. Seu aparato de imunidade é regulamentado pelo equilíbrio, e o resultado é saúde, que alçada na vertente espiritual, na época era tratada como salvação – não a salvação de depois da morte ser levado para o céu, mas a salvação ainda neste corpo, tornando o fiel portador da vida imanente.

O que testemunha tal condição é aquilo que promana do ser humano. Sejam as palavras que saem da boca, sejam seus atos. O que pensa e sente quando verbalizado dá informação da sua intimidade. Quando sente amor e o transforma em ação, todo o seu corpo é vivo e suas funções, harmônicas. Há saúde na mente e saúde no corpo. O provérbio latim já asseverava... *“mens sana in corpore sano”*. Se cuidamos da higiene física e da saúde corporal para sermos uma mente sã, a indicação cristã, indo nesta direção, supera o provérbio radicalizando: se buscamos primeiro (de modo inequívoco) o reino de Deus, tudo o mais será acrescentado, inclusive a saúde corporal. Caso a doença apareça, mesmo com a dedicação coerente à vida espiritual, cabe entender a prevalência da lei do carma a fazer suas cobranças. O corpo enfermo funciona como balizador exigente da mudança necessária. Quando se consegue, neste regime de prova, superar os desafios, certamente, a verdadeira saúde espiritual é edificada. Será desfrutada quando a operação de transformação atingir os fios íntimos da alma.

A recomendação de profilaxia do Cristo é enfática. Cuidemos dos nossos pensamentos e palavras, porque, se estiverem em desequilíbrio com as leis divinas, funcionarão como importantes agentes patológicos. Mas antes de atingir o próximo, compromete a própria fonte de onde flui.

**Ao recolher-me, na hora da meditação, afinando a sintonia com o Mestre:**

### **3. O que eu devo fazer entrar e sair de mim, durante a meditação?**

Quando cogito sobre o que devo absorver favorável à boa meditação, aparecem ideias, conceitos e preceitos afinados com o convite que a mim dirigistes, querido Mestre, em tantas fases da minha jornada. Agora, por excelência, valorizo-o sem dúvida.

Convidastes-me, através da parábola do festim das bodas, para me dar conta da essência do casamento divino, ainda na condição de conviva. Mas presenciando tais festas, aprendi que devo refinar meus recursos a fim de me tornar a noiva cautelosa e preparada, porque tal como na outra parábola, a das dez noivas, tu és o celeste noivo que chega sem hora marcada, para desposar a humanidade por inteiro.





*Por uma cultura de paz*

Apenas os atentos na espera tranquila desfrutam da unificação que esse encontro propicia.

Sou precavido e me preparo, se cuido do que ingiro nos tantos eventos deste dia. Ideias personalistas que me proponham vantagens pessoais devo recusar. Benefícios que consomem minhas energias orgânicas preciso suspender. Mas somente o farei se a vigília esmerada for.

Notícias traumáticas não me perturbarão se meu esteio não se fincar em qualquer transitoriedade material da vida planetária. Por aqui, tudo passa, e a qualquer hora, como agente passivo, posso ser convocado para o testemunho da fé em Deus. As provas deste plano constam como parte do programa de todo aquele que toma forma no corpo físico. Sou um a mais.

Se for atacado e perseguido por ideias que defendo, não devo me negar mais uma reflexão a fim de averiguar sua pertinência. Se estiver equivocado, ter humildade para reconhecer o erro e diligência para mudar de comportamento. Mas, em se confirmando a certeza, ser capaz de tolerar a crítica e o combate, com as desditas consequentes. Deixar sempre a porta aberta para qualquer conciliação que se baseie na sinceridade de propósitos. Para além das vivências egoicas, minhas e alheias, somos talhados para a união, em conformidade com eu crístico que nos anima a todos.

Sobretudo não esquecer que a garantia da resposta adequada para tudo que ingiro, por escolha ou imposição, depende da sintonia fina com a divindade interior, fonte de toda inspiração pertinente. Assim, da minha boca sairão palavras conduzidas por intenções amorosas. Os gestos terão a mesma marca, mesmo que apontem caminhos difíceis. Nesta morada tranquila da mente estável paio em oração, para que minha meditação seja porto de renovação e cura.

**108.7 Versículo(s) para a meditação:** Mateus 15:10-11.

10 E tendo chamado a multidão, disse-lhe: "Ouvi e entendei:

11 não é o que entra pela boca que contamina o homem, mas o que sai da boca, isso contamina o homem".

RedeUnaViva: Meditação Cristã 109 – paragem 121 – 16.10.16

LUCAS 6:39; MARCOS 7:17-23; MATEUS 15:12-20